



REBENA
Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem

ISSN 2764-1368
Volume 13, 2025, p. 577 - 587
<https://reben.emnuvens.com.br/revista/index>

Saberes dos mais velhos e educação intergeracional: contribuições da pedagogia griô
Knowledge of the elders and intergenerational education: contributions of griô pedagogy

Franciléia Silva Santos¹ Jana Gusmão Dutra² Marlene Tomaz³
Raimundo José Ferreira de Melo⁴

Submetido: 28/10/2025 Aprovado: 15/12/2025 Publicação: 31/12 /2025

RESUMO

O artigo analisa as contribuições da Pedagogia Griô para a aprendizagem intergeracional, destacando o papel dos mestres da tradição oral como mediadores de saberes ancestrais e experiências de vida. A abordagem evidencia que a aprendizagem não se limita à transmissão de conteúdos formais, mas se configura como processo social, cultural e histórico, promovendo a construção de conhecimento significativo, fortalecimento da memória coletiva e consolidação da identidade cultural. A integração entre saberes populares e escolares, articulada à participação ativa dos estudantes, favorece práticas educativas dialógicas, inclusivas e humanizadoras. A valorização da oralidade, da experiência intergeracional e da memória coletiva demonstra que o conhecimento se produz na interação entre sujeitos e contextos, ampliando a compreensão ética, afetiva e identitária do processo educativo. O estudo reforça a importância de estratégias pedagógicas que reconheçam e legitimem os saberes dos mais velhos para a formação integral e socialmente comprometida dos estudantes.

Palavras-chave: Pedagogia Griô. Aprendizagem intergeracional. Saberes ancestrais. Memória coletiva. Educação humanizadora.

ABSTRACT

This article analyzes the contributions of the Griô Pedagogy to intergenerational learning, highlighting the role of oral tradition masters as mediators of ancestral knowledge and life experiences. The approach demonstrates that learning extends beyond the transmission of formal content, constituting a social, cultural, and historical process that fosters meaningful knowledge construction, strengthens collective memory, and consolidates cultural identity. The integration of popular and school-based knowledge, combined with the active participation of students, promotes dialogical, inclusive, and humanizing educational practices. Valuing oral tradition, intergenerational experience, and collective memory reveals that knowledge emerges from the interaction between subjects and contexts, enhancing ethical, affective, and identity-based understanding of the educational process. The study reinforces the importance of pedagogical strategies that recognize and legitimize the knowledge of elders, contributing to the comprehensive and socially committed formation of students.

Keywords: Griô Pedagogy. Intergenerational learning. Ancestral knowledge. Collective memory. Humanizing education.

¹ Mestranda em Ciências da Educação, pela Universidad Del Sol - UNADES, Assunção / PY. E-ryan.francileia@gmail.com

² Mestranda em Ciências da Educação, pela Universidad Del Sol - UNADES, Assunção / PY. gusmaolima@seduc.ro.gov.br

³ Doutoranda em Ciências da Educação, pela Universidad Del Sol - UNADES, Assunção / PY. marlenetomaz69@hotmail.com

⁴ Mestrando em Ciências da Educação, pela Universidad Del Sol - UNADES, Assunção / PY. raimundomelo@seduc.ro.gov.br

1. Introdução

As transformações sociais, culturais e educacionais contemporâneas têm suscitado reflexões sobre os modos de produzir, transmitir e legitimar o conhecimento nos espaços educativos. Em contextos marcados pela diversidade cultural e pela pluralidade de saberes, revela-se imprescindível problematizar concepções de aprendizagem que extrapolem a centralidade exclusiva do conhecimento científico formal, reconhecendo formas de saber historicamente construídas nas experiências coletivas e nas relações comunitárias.

Entre essas formas de conhecimento, destacam-se os saberes dos mais velhos, elaborados ao longo de trajetórias de vida e transmitidos por meio da oralidade, da convivência e da memória. Frequentemente marginalizados nos currículos escolares, tais saberes incorporam valores, práticas culturais, histórias e modos de interpretar o mundo, constituindo-se como recursos essenciais para a formação humana, social e ética. Considerá-los no âmbito educacional implica compreender a aprendizagem como processo relacional, culturalmente situado e atravessado por dimensões afetivas e identitárias.

A educação intergeracional emerge como campo propício ao diálogo entre diferentes gerações, possibilitando a circulação de saberes, a construção de vínculos e o fortalecimento da memória coletiva e da identidade cultural. Ao integrar crianças, jovens e idosos, essa abordagem amplia as possibilidades educativas, valorizando a experiência vivida como fonte legítima de conhecimento e promovendo a humanização do processo formativo.

Em face das transformações sociais e culturais, a Pedagogia Griô destaca-se como proposta pedagógica inovadora, na qual os mestres da tradição oral são reconhecidos como sujeitos educadores responsáveis pela preservação e transmissão de saberes ancestrais. Fundamentada na oralidade, na ancestralidade e na vivência comunitária, essa pedagogia articula saberes populares e escolares, favorecendo práticas educativas dialógicas, inclusivas e culturalmente comprometidas.

Diante desse contexto, o presente artigo objetiva analisar as contribuições da Pedagogia Griô para a aprendizagem baseada nos saberes dos mais velhos, enfatizando seu papel na promoção da educação intergeracional e na valorização dos conhecimentos ancestrais. A discussão desenvolve-se a partir de abordagem teórica, fundamentada em autores que tratam do conhecimento como construção social, da memória coletiva, da aprendizagem intergeracional e do diálogo como princípio educativo, evidenciando a relevância dessas dimensões para práticas pedagógicas humanizadas e socialmente comprometidas.

2. O conhecimento como construção social e cultural

O conhecimento humano constitui-se nas relações estabelecidas entre o sujeito e o meio social, configurando-se como produto histórico, cultural e coletivo. A aprendizagem manifesta-se nas interações sociais, nas quais valores, normas, significados e saberes circulam, são apropriados e ressignificados continuamente, evidenciando que o estudante participa ativamente na construção do conhecimento.

O desenvolvimento cognitivo emerge da mediação social, sendo o outro interlocutor fundamental para a internalização de conceitos, a construção de hipóteses e o aprofundamento do pensamento crítico. Vygotsky (1998) sustenta que a participação ativa do estudante constitui elemento central nesse processo, reforçando a importância da interação social para a construção de funções cognitivas superiores. Corroborando, Tomaz menciona que,

O aluno é um elemento ativo que age e constrói sua aprendizagem, cabendo ao professor instiga-lo, desafiando, mobilizando, questionando e utilizando os “erros” de forma construtiva, garantindo assim uma reelaboração das hipóteses levantadas, favorecendo a construção do conhecimento e que a partir de suas escolhas definirá como será o seu papel na sociedade, por isso parte de cada aluno interesses diferentes de como sua aprendizagem poderá vir a contribuir em sua formação e autonomia. (Tomaz, 2025, p.160)

A perspectiva apresentada evidencia que a aprendizagem resulta da interação entre autonomia do estudante, mediação docente e contextos socioculturais nos quais se insere. O professor desempenha papel estratégico ao propor desafios, questionamentos e estímulos que permitam ao estudante organizar, revisar e consolidar o conhecimento. O erro deixa de ser visto como fracasso e transforma-se em recurso pedagógico para reflexão, ampliação de hipóteses e consolidação da aprendizagem significativa.

Os mais velhos atuam como mediadores de saberes acumulados, transmitindo práticas culturais, valores éticos e modos de vida. Bosi, observa que,

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória. (Bosi 2003, p. 73)

A experiência acumulada pelos indivíduos mais velhos permite que os estudantes se apropriem de saberes contextualizados, fortaleçam a identidade e compreendam diferentes perspectivas de mundo. Freire (1987, p. 68) reforça que “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”, reconhecendo que o conhecimento da experiência vivida é tão relevante quanto o saber sistematizado. Os saberes populares e tradicionais, frequentemente marginalizados pelos

currículos escolares, consolidam referências históricas, sociais e simbólicas essenciais à formação integral, promovendo cidadania, pertencimento comunitário e respeito à diversidade cultural.

A educação deve reconhecer a pluralidade de saberes e criar condições para que a diversidade cultural dialogue com as práticas pedagógicas, fortalecendo a construção de conhecimento significativo, autonomia, responsabilidade e participação ativa. Candau (2012) evidencia que a mediação docente, articulada à participação dos mais velhos e à agência do estudante, desloca a escola de modelos prescritivos e hierarquizantes.

A apropriação do conhecimento não ocorre de forma uniforme; cada estudante desenvolve competências e interpretações próprias, a partir de interesses individuais, experiências vividas e desafios propostos, consolidando trajetórias de aprendizagem singulares. A construção do conhecimento emerge da interação entre experiências pessoais, contextos sociais e mediação pedagógica.

Cada estudante interpreta e organiza o saber segundo suas experiências prévias e suas escolhas, promovendo o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de resolução de problemas. O papel do professor consiste em provocar situações de aprendizagem que desafiem hipóteses, estimulem o pensamento crítico e permitam que cada aluno relacione o conhecimento construído com sua realidade e com seu projeto de vida.

A integração dos saberes dos mais velhos com a prática docente proporciona aos estudantes acesso a referências históricas e culturais que ampliam a compreensão do mundo. A aprendizagem torna-se, assim, simultaneamente cognitiva, afetiva e social, permitindo que o estudante compreenda as interações, valores e significados compartilhados em sua comunidade.

Essa articulação contribui para o fortalecimento da identidade e da memória social, consolidando a função educativa da escola como espaço de humanização, pertencimento e formação integral. O conhecimento, enquanto construção social e cultural, adquire significado quando os estudantes se tornam agentes ativos de sua própria aprendizagem. A diversidade de trajetórias e de interesses individuais exige que a prática educativa seja flexível, sensível e inclusiva.

A escola, ao valorizar diferentes formas de saber e estimular a autonomia, transforma-se em espaço de participação efetiva, aprendizagem crítica e formação de cidadãos capazes de interagir com a sociedade de forma consciente e responsável. A mediação pedagógica, articulada à participação dos mais velhos e à agência do estudante, revela-se essencial para o desenvolvimento integral.

A aprendizagem se expande além da dimensão cognitiva, envolvendo construção de valores, ética, responsabilidade social e capacidade de interpretar e transformar o mundo. Cada estudante constrói caminhos próprios, consolida conhecimentos e fortalece a autonomia, promovendo uma experiência educativa rica, plural e humanizadora, capaz de sustentar a formação

de sujeitos críticos, autônomos e socialmente engajados.

3. A aprendizagem intergeracional e a memória coletiva

A aprendizagem intergeracional configura-se como processo fundamental para a preservação da memória coletiva, da cultura e da identidade social. A transmissão de saberes entre diferentes gerações sustenta a continuidade histórica das comunidades, permitindo que experiências, valores e significados sejam compartilhados e ressignificados ao longo do tempo. A memória, nesse contexto, ultrapassa a dimensão individual e assume caráter social, sendo construída nas relações de convivência que se estabelecem nos âmbitos familiar, escolar e comunitário. Conforme destaca Bosi,

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. (Bosi 2003, p. 408 e 409)

O encontro entre gerações possibilita a circulação de saberes construídos ao longo da vida, assegurando a continuidade cultural e o fortalecimento dos vínculos sociais. A memória dos mais velhos constitui patrimônio coletivo, pois reúne experiências capazes de ampliar a compreensão do passado e orientar práticas no presente. A escuta das narrativas daqueles que viveram diferentes contextos históricos permite acessar conhecimentos que não se limitam aos registros formais, mas permanecem vivos na oralidade e na experiência cotidiana. Bosi (2003, p. 22) ressalta que “a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda”.

O contato intergeracional possibilita que crianças e jovens tenham acesso a histórias de vida, tradições, valores éticos e modos de existência que contribuem para a formação da identidade e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento. Esses saberes, transmitidos pela convivência, pela escuta atenta e pelo diálogo, ampliam a compreensão da realidade social e favorecem a valorização da cultura local. Reconhecer a aprendizagem intergeracional implica compreender a memória como elemento formador, capaz de fortalecer vínculos sociais e promover a continuidade cultural.

A memória coletiva é produzida nas relações sociais e sustentada pelas experiências compartilhadas entre os sujeitos. Halbwachs (2006) compreende a memória como construção coletiva, na qual as lembranças individuais, ao serem socializadas, adquirem significado social e tornam-se referências para as novas gerações. Esse compartilhamento transforma a experiência pessoal em patrimônio simbólico do grupo, contribuindo para a preservação da identidade social. O papel dos mais velhos na transmissão de saberes vai além da simples comunicação de informações; envolve a mediação de valores, práticas culturais, conhecimentos tácitos e

experiências vividas que estruturam a compreensão de mundo das novas gerações.

A participação ativa dos jovens nesse processo transforma a aprendizagem em prática dialógica, na qual a escuta e o diálogo são tão significativos quanto a própria transmissão de conteúdos. As narrativas dos mais velhos não apenas informam, mas também orientam a construção de sentido, permitindo que os estudantes internalizem referências históricas, éticas e culturais que moldam comportamentos, escolhas e a percepção de si mesmos como membros de uma comunidade. Halbwachs (2006) destaca que a memória coletiva adquire significado social quando compartilhada, estabelecendo uma ponte entre experiências individuais e valores comuns do grupo.

A aprendizagem intergeracional promove a valorização da diversidade de experiências e trajetórias. Ao reconhecer a pluralidade de modos de vida, os estudantes desenvolvem empatia, respeito e compreensão da complexidade social. As experiências compartilhadas contribuem para a formação de cidadãos críticos e reflexivos, capazes de dialogar com a diversidade e de agir de forma ética e responsável. A memória coletiva, assim, deixa de ser apenas registro do passado e torna-se instrumento ativo de educação, capaz de orientar práticas presentes e futuras, consolidar valores comunitários e fortalecer o sentimento de pertencimento.

O fortalecimento da memória coletiva evidencia a importância de espaços educativos que integrem a participação de diferentes gerações. Quando a escola reconhece os saberes transmitidos pelos mais velhos, legitima formas de conhecimento historicamente marginalizadas e cria condições para uma aprendizagem significativa, contextualizada e culturalmente situada. A experiência vivida, mediada pelo diálogo entre gerações, transforma o processo educativo em construção social, permitindo que estudantes compreendam que o conhecimento se produz na interação com o outro, e não apenas em livros ou programas de ensino formal.

A aprendizagem intergeracional contribui para a humanização da educação, valorizando os sujeitos em suas trajetórias, respeitando a diversidade de experiências e promovendo a continuidade cultural. Crianças e jovens passam a reconhecer que sua formação está inserida em um contexto histórico e social, que o saber resulta de práticas compartilhadas e que o aprendizado se expande quando se integra à experiência de quem veio antes. A educação torna-se processo vivo, em constante construção, no qual passado, presente e futuro dialogam, garantindo que o conhecimento seja compreendido como produção social, coletiva e significativa, capaz de orientar práticas, fortalecer identidades e consolidar a cidadania.

A ampliação desse processo evidencia que a aprendizagem intergeracional também atua na consolidação de competências socioemocionais, como empatia, cooperação e responsabilidade coletiva. O contato contínuo com diferentes gerações permite que os estudantes compreendam a diversidade de perspectivas e desenvolvam habilidades de resolução de conflitos, escuta ativa e

adaptação a contextos sociais variados. Essa experiência favorece o desenvolvimento de repertórios éticos e culturais, além de estimular a consciência histórica, essencial para a construção de cidadãos críticos e engajados.

A interação entre gerações fortalece a autonomia e a capacidade reflexiva dos estudantes, ao proporcionar oportunidades de participação em decisões, negociações e práticas coletivas. A aprendizagem deixa de ser experiência fragmentada, centrada apenas no conteúdo formal, e transforma-se em construção integrada de conhecimento, valores e sentidos compartilhados. O diálogo entre gerações também contribui para a valorização da memória afetiva, da história vivida e do patrimônio cultural, consolidando práticas educativas capazes de articular tradição e inovação.

A articulação entre memória, cultura e educação favorece a formação integral do estudante, garantindo o reconhecimento da diversidade, a humanização das relações e o fortalecimento dos vínculos comunitários. A experiência mediada pelos mais velhos permite compreender que a aprendizagem não se limita a acumular informações, mas se concretiza na vivência, na troca e na reflexão coletiva. A memória coletiva deixa de ser registro passivo para tornar-se instrumento ativo de construção social, capaz de orientar práticas educativas, consolidar identidades e promover cidadania.

4. A Pedagogia Griô e a valorização dos saberes ancestrais

A Pedagogia Griô, sistematizada por Lílian Pacheco, fundamenta-se na valorização da oralidade, da ancestralidade e dos saberes tradicionais transmitidos pelos mestres da tradição oral. Inspirada na figura do griô presente em diferentes culturas africanas, essa abordagem reconhece esses sujeitos como educadores responsáveis pela transmissão de conhecimentos por meio da narrativa, do canto, da dança, da música e da vivência comunitária. O conhecimento é concebido como experiência relacional e culturalmente situada, integrando dimensões cognitivas, emocionais, corporais e sociais. Pacheco define a Pedagogia Griô como:

A pedagogia Griô é uma pedagogia facilitadora de rituais de vínculo e aprendizagem entre as idades, entre a escola e a comunidade, entre grupos étnico-raciais, saberes ancestrais de tradição oral e as ciências, artes e tecnologias universais, por meio de um método de encantamento vivencial, dialógico e partilhado para a elaboração do conhecimento e de um projeto de humanidade que tem como foco a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração da vida em comunidade. (Pacheco, 2015, p. 66)

A aprendizagem, nessa perspectiva, ultrapassa o campo estritamente cognitivo, articulando corpo, emoção e cultura. Pacheco (2006, p. 43) afirma que a Pedagogia Griô “facilita a

transformação do lugar cultural que se ocupa no diálogo entre a tradição oral e a tradição escrita”, evidenciando que o ato educativo mobiliza diferentes formas de saber, construídas ao longo da vida. Bosi (2003, p. 83) reforça a importância da preservação das práticas culturais tradicionais

Hoje, fala-se tanto em criatividade...mas, onde estão as brincadeiras, os jogos, os cantos e danças de outrora? Nas lembranças de velhos aparecem e nos surpreende pela sua riqueza. (Bosi 2003, p. 83)

A Pedagogia Griô articula saberes populares e escolares, promovendo diálogo entre diferentes formas de conhecimento. Ao romper com a lógica excludente que privilegia apenas o saber científico, essa abordagem possibilita práticas pedagógicas humanizadas, inclusivas e culturalmente situadas. Freire (1987) defende que o reconhecimento dos saberes da experiência vivida constitui princípio essencial de uma educação emancipadora, valorizando os sujeitos em sua integralidade e historicidade.

Os mais velhos deixam de ser percebidos como transmissores de conhecimento estático e passam a exercer papel ativo na mediação pedagógica. Eles transmitem valores, práticas culturais, saberes tácitos e modos de vida, fortalecendo a identidade, o pertencimento comunitário e a compreensão da continuidade entre passado e presente. Essa atuação desloca a educação de modelos prescritivos, consolidando aprendizagens significativas e contextualizadas.

A experiência intergeracional permite que os estudantes internalizem narrativas, histórias de vida e tradições, transformando o aprendizado em processo dialógico. O conhecimento não é apenas absorvido; é construído ativamente por meio da escuta, do diálogo e da reflexão sobre experiências compartilhadas. Esse processo amplia repertórios interpretativos, estimula pensamento crítico, empatia e compreensão da complexidade social.

A Pedagogia Griô propicia integração da dimensão afetiva na educação, fortalecendo vínculos entre estudantes, comunidade e mestres da tradição oral. Ao reconhecer a importância da experiência vivida, valoriza-se a formação integral do estudante, que compreende múltiplas perspectivas, resolve problemas e participa de forma responsável na vida comunitária.

O diálogo entre saberes tradicionais e escolares permite construir pontes entre conhecimento formal e experiências culturais. A prática pedagógica deixa de ser linear e prescritiva, transformando-se em espaço de construção coletiva do saber. As crianças e jovens percebem que a aprendizagem ocorre tanto em livros quanto na experiência social compartilhada, promovendo autonomia, criatividade e senso crítico.

Essa concepção amplia a dimensão educativa, consolidando aprendizagens que respeitam a história, cultura e memória das comunidades. O aprendizado intergeracional fortalece vínculos, preserva identidades culturais e reconhece a diversidade de trajetórias, oferecendo caminhos para uma educação democrática, humanizadora e inclusiva. O conhecimento é compreendido como

processo coletivo e situado, capaz de orientar práticas pedagógicas, consolidar cidadania e formar sujeitos conscientes de seu papel social.

A valorização dos saberes ancestrais, articulada à mediação docente e à participação ativa dos estudantes, estabelece condições para que o conhecimento seja significativo, relevante e culturalmente situado. A aprendizagem deixa de ser um processo isolado, tornando-se experiência compartilhada que integra memória, cultura e formação integral. Ao incluir a experiência dos mais velhos, a escola legitima saberes historicamente marginalizados e promove práticas educativas que respeitam a diversidade, fortalecem identidades e consolidam vínculos comunitários.

5. O diálogo como princípio educativo

O diálogo constitui fundamento central da prática educativa crítica e emancipadora. Freire, compreende o diálogo como elemento essencial do processo pedagógico, pois possibilita a construção coletiva do conhecimento a partir da interação entre os sujeitos. Ensinar não se reduz à transferência de conteúdos, mas implica criar condições para que os educandos produzam e reconstruam saberes de forma autônoma e consciente.

A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber (Freire, 2021, p. 40)

Essa afirmação evidencia a educação como processo permanente de formação humana, no qual o aprender se vincula à capacidade de produzir sentidos, reconstruir experiências e assumir-se como sujeito histórico e cognoscente. Ao reconhecer mulheres e homens como seres inacabados, capazes de aprender, refazer-se e produzir conhecimento, o autor reafirma o caráter relacional, dialógico e emancipatório da prática educativa, na qual o saber se constrói na interação entre sujeitos e experiências diversas.

Na Pedagogia Griô, a aprendizagem intergeracional ocorre em espaços dialógicos nos quais os mais velhos compartilham saberes ancestrais e experiências de vida, enquanto os mais novos ressignificam essas narrativas a partir de seus contextos. O diálogo promove escuta sensível, reconhecimento do outro e valorização da diversidade cultural presente nas relações intergeracionais. Esse processo favorece respeito mútuo, troca de saberes e fortalecimento dos vínculos comunitários, permitindo que o conhecimento seja construído de forma coletiva e significativa.

O princípio do diálogo estende-se à mediação docente, que atua como facilitador das interações e promotor de oportunidades para que os estudantes explorem, questionem e reconstruam saberes a partir de suas experiências. A escuta ativa, a problematização de ideias e a

utilização construtiva dos erros transformam a aprendizagem em prática reflexiva e participativa. Ao interagir com diferentes perspectivas, o estudante compreende que o conhecimento não é estático, mas fruto da negociação entre sujeitos e contextos, fortalecendo autonomia, responsabilidade e protagonismo no processo educativo.

O diálogo como princípio educativo também implica reconhecer que a construção do conhecimento está intrinsecamente vinculada à dimensão ética da educação. Cada interação exige sensibilidade para compreender as singularidades, respeitar trajetórias individuais e promover inclusão. A prática dialógica torna-se, assim, espaço de formação integral, na qual habilidades cognitivas, emocionais e sociais são desenvolvidas simultaneamente, articulando aprendizagem e convivência comunitária.

A incorporação de momentos de escuta, debate e reflexão crítica possibilita que estudantes compreendam o papel histórico e social do conhecimento, reconhecendo que cada aprendizado reflete a interação entre memória, cultura e experiência. A valorização da pluralidade de vozes enriquece o ambiente educativo, ampliando repertórios interpretativos e estimulando pensamento crítico, empatia e compromisso ético.

Ao fortalecer a cultura do diálogo, a escola passa a ser espaço de construção coletiva, em que saberes científicos, culturais e experienciados coexistem de forma integrada. Essa prática humaniza o processo educativo, desloca modelos prescritivos e cria condições para aprendizagens significativas, contextualizadas e comprometidas com a formação de sujeitos críticos, autônomos e conscientes de seu papel social e cultural.

6. Considerações Finais

A análise das contribuições da Pedagogia Griô evidencia a relevância de reconhecer os mestres da tradição oral como sujeitos ativos no processo educativo, capazes de transmitir saberes ancestrais, experiências de vida e valores culturais. A aprendizagem intergeracional, nesse contexto, configura-se como estratégia pedagógica potente para a preservação da memória coletiva, fortalecimento da identidade cultural e construção de vínculos sociais. Ao integrar saberes populares e escolares, a Pedagogia Griô promove práticas educativas dialógicas, inclusivas e culturalmente situadas, capazes de valorizar a experiência vivida e consolidar a compreensão do conhecimento como fenômeno social e histórico.

A mediação docente, articulada à participação dos mais velhos e à agência dos estudantes, revela que o processo de ensino-aprendizagem transcende a mera transmissão de conteúdos, incorporando dimensões éticas, afetivas e identitárias. A escola, ao reconhecer e legitimar os saberes construídos ao longo da vida, amplia as possibilidades de aprendizagem significativa, fortalece a

autonomia e a responsabilidade dos estudantes e contribui para a humanização da educação.

Portanto, a Pedagogia Griô demonstra que práticas educativas fundamentadas na oralidade, na ancestralidade e na experiência intergeracional constituem ferramentas essenciais para a formação integral, o diálogo cultural e a construção de sociedades mais inclusivas e socialmente comprometidas. A valorização dos saberes dos mais velhos confirma que o conhecimento se produz coletivamente, em interação com o outro, e que a educação é, essencialmente, processo histórico, social e transformador.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 118, p. 235-250, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 10. ed. Rio de Janeiro Paz e terra, 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido 17. ed. **Rio de Janeiro: Paz e terra**, 1987.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

PACHECO, Lillian. Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida. **Lençóis: Grãos de luz e Griô**, 2006.

PACHECO, Lillian. A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade. **Revista Diversitas**, v. 2, n. 3, p. 22-99, 2015.

TOMAZ, Marlene. A Educação e a autonomia do indivíduo: uma síntese com base nos saberes filosóficos de Maria Montessori, Jean Piaget e Immanuel Kant. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 9, p. 156-162, 2024.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.